



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

CAMILA SILVA E SOUSA

MEMORIAL

EDUCAÇÃO NO CAMPO: reflexões de uma professora do município de
Anapu

ANAPU – PA

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

CAMILA SILVA E SOUSA

MEMORIAL

EDUCAÇÃO NO CAMPO: reflexões de uma professora do município de
Anapu

ANAPU/PA

2022

CAMILA SILVA E SOUSA

MEMORIAL

EDUCAÇÃO NO CAMPO: reflexões de uma professora do município de Anapu

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), através da Universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a. Esp. Dienne Marly de Souza Pontes.

Avaliado em: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientadora

Prof.^a. Dienne Marly de Souza Pontes.

Examinadora

ANAPU/PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

S725m Sousa, Camila Silva E Sousa.

Memorial Educação no Campo : reflexões de uma
professora do município de Anapu / Camila Silva E
Sousa Sousa. — 2023.
XXX f.

Orientador(a): Prof^ª. MSc. Dienne Marly de Souza
Pontes. Pontes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Altamira, Faculdade de Educação, Altamira, 2023.

1. Formação. 2. Professores. 3. Campo. 4.
Educação. 5. Multisseriado. I. Título.

CDD 001

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que sempre esteve presente em minha vida guiando todos os meus caminhos; aos meus pais, minha base, que sempre acreditaram em mim, às minhas irmãs; ao meu esposo e minha filha pela paciência e incentivo.

Dedico também aos meus pastores que sempre me acolheram e me apoiaram e a minha orientadora Dienne Marly de Souza Pontes pela força e paciência que teve comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e prosseguir minha jornada.

Agradeço à Universidade Federal do Pará, que me proporcionou bons momentos e ensinamentos, acarretando o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos professores por compartilharem seus conhecimentos ao longo do curso, em especial, agradeço minha orientadora Prof. Dienne Marly de Souza Pontes, por seus ensinamentos, paciência e apoio durante a escrita do TCC.

Aqui incluo também Minha Mãe Francinete e meu Pai Cassimiro - seus exemplos de força e amor incondicional.

As minhas irmãs Thais e Jakeline, que sempre me incentivaram em minha jornada educacional.

Ao meu esposo Diego e minha filha Kamilly Nicolý, que nunca me deixaram desistir de meus sonhos e sempre me apoiaram e tiveram paciência.

Aos meus pastores Eliésio e Edilma que sempre me acolheram de braços abertos em sua casa no período das aulas e pelo incentivo. Serei eternamente grata por tudo que fizeram por mim.

Aos meus amigos(a) do curso, que estiveram comigo até o fim dessa caminhada.

Por fim, sou grata a todos que de alguma forma, direta ou indireta, contribuíram nesse processo. Meu muito obrigada!

“Ele enxugará de seus olhos toda lágrima [...]”
(Apóstolo João)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPITULO I O REBUSCAR DA MEMÓRIA.....	13
1.1 Uma Criança Como Tantas Outras	13
1.2 A Educação e a Falta de Oportunidades	14
CAPITULO II TRAJETÓRIA ESCOLAR	12
2.1 Os Primeiros Contatos - Girassol	17
2.2 ENSINO FUNDAMENTAL	18
2.3 ENSINO MÉDIO	19

3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	20
CAPÍTULO III TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	24
3.1 Sem Formação Específica como Tantos.....	20
CAPÍTULO IV A ENTRADA E A IMPORTÂNCIA DO PARFOR	22
4.1 PARFOR- O PARFOR ME POSSIBILITOU SONHAR	22
CONCLUSÃO.....	24
REFERENCIAS.....	27

RESUMO

Esta pesquisa em forma de memorial acadêmico abordará a educação do campo, através de relatos reais sobre a minha história de vida. Tenho como objetivo propor reflexão sobre as dificuldades vivenciadas por pessoas que residem na zona rural do município de Anapu; analisar os fatores que envolvam a educação e que interferem na aprendizagem e na permanência do aluno campestre, verificar o processo e os critérios de seleção dos educadores que atuam na região rural do município de Anapu. Refletir sobre as práticas Pedagógicas dos professores que atuam na região rural do município de Anapu. A pesquisa se justifica por trazer elementos da realidade do povo da zona rural deste município, uma vez que é de suma importância refletir sobre a educação ofertada ao povo campestre, sendo que esta muitas vezes não leva em consideração a complexidade de fatores que envolvem a vida dos alunos do campo que precisam trabalhar para ajudar no sustento familiar. Para fundamentar teoricamente este trabalho através em Freire (1987) e Hage e Barros(2010). No desenvolvimento deste estudo optei por dividir em quatro partes. A parte inicial deste memorial farei uma narrativa pessoal lembrando a partir da minha

infância. Na segunda parte irei descrever como tive os primeiros contatos com a escola. Na terceira parte relatarei o início da minha profissão. Por último narrarei sobre o PARFOR. Nas considerações finais farei reflexões sobre os achados.

Palavras Chave: multisseriado, educação, campo, professores, formação.

ABSTRACT

This research in the form of an academic memorial will address rural education, through real reports about my life story. My objective is to propose a reflection on the difficulties experienced by people who live in the rural area of the municipality of Anapu; to analyze the factors that involve education and that interfere in the learning and permanence of the peasant student, to verify the process and the selection criteria of the educators that work in the rural region of the municipality of Anapu. Reflect on the Pedagogical practices of teachers who work in the rural region of the municipality of Anapu. The research is justified by bringing elements of the reality of the people of the rural area of this municipality, since it is extremely important to reflect on the education offered to the peasant people, which often does not take into account the complexity of factors that involve life rural students who need to work to help support their families. To theoretically base this work through Freire (1987) and Hage and Barros (2010). In the development of this study I chose to divide it into four parts. The opening part of this memorial will be a personal narrative reminiscing from my childhood. In the second part I will describe how I had the first contacts with the school and the beginning of my profession. Finally, I will narrate about PARFOR. In the final considerations I will reflect on the findings.

Keywords: multiserries, education, field, teachers, formation.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa em forma de memorial acadêmico abordará a educação do campo, através de relatos reais sobre a minha história de vida, pois sou moradora da região rural do município de Anapu e como professora vivencio os desafios que educadores e alunos precisam superar diariamente, tanto no que se refere à qualidade de vida, quanto ao ensino ofertado, situações estas que já atravessam décadas.

O aluno do campo precisa desdobrar seus esforços para ter acesso a um direito que é constitucional – estudar. Eles precisam, muitas vezes, percorrer longas distâncias à pé para chegar até à escola, mesmo quando há transporte escolar ofertado pela prefeitura, outros fatores também interferem no acesso, seja

de ordem mecânica dos veículos ou de ordem natural, como é o caso dos alagamentos que não permitem a mobilidade das pessoas.

Essas crianças estudam em condições estruturais precárias e ainda são inseridos em classes multisseriadas¹, tendo apenas um professor, que muitas vezes também é o diretor. A merendeira, muitas vezes, após as aulas exerce a função de serviços gerais. Estas são apenas alguns dos diversos fatores que fazem parte do cotidiano do povo campestre e que tornam o ato de estudar muito mais complicado que para aqueles que moram distante das capitais.

É notória a complexidade da educação do campo, se diferenciando em muitos aspectos da escola urbana, pois além das questões de acesso e infraestrutura, o sujeito campestre, desde muito cedo, precisa trabalhar para ajudar no sustento da família, fator que somado a forma como se estabelece o ensino nessas regiões, tornam ainda mais complexo para o aluno do campo, prosseguir com os estudos para além das etapas ofertadas na localidade em que mora.

A escolha do tema desta pesquisa foi despertado em mim através das aulas do PARFOR, uma vez que passei a ter um olhar mais crítico sobre a minha realidade. Sou moradora da zona rural de Anapu, local em que também atuo como professora. As literaturas nos mostram que a escola é o espaço de formação social e política dos sujeitos, desta forma deve ser o lugar em que se socializam os saberes acumulados, se perpetua a cultura e a produção dos conhecimentos ao longo dos tempos. Porém, o povo campestre ainda luta por um ensino que valorize seus saberes, que seja desenvolvido levando em consideração a realidade local, para que possam desenvolver projetos e reflexões sobre suas realidades, que estimule a criticidade e autonomia do sujeito do campo, para que assim compreenda que ele é o responsável por transformar a sua própria realidade.

Diante do exposto, surge o seguinte questionamento: dentre os problemas relacionados a educação no campo, quais deles mais afeta a permanência do sujeito campestre em sala de aula?

¹Turmas que atendem sujeitos de diferentes idades/séries/anos na mesma sala, tendo apenas um professor para atendê-los. Fonte: Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. Parente (2014)

Tenho como objetivo propor reflexão sobre as dificuldades vivenciadas por pessoas que residem na zona rural do município de Anapu, analisar os fatores que envolvem a educação e que interferem na aprendizagem e na permanência do aluno camponês, verificar o processo e os critérios de seleção dos educadores que atuam na região rural do município. Refletir sobre as práticas pedagógicas dos professores que atuam na região.

A pesquisa se justifica por trazer elementos da realidade do povo da zona rural de ANAPU, uma vez que é de suma importância refletir sobre a educação ofertada ao povo camponês, sendo que esta muitas vezes, não leva em consideração a complexidade de fatores que envolvem a vida dos alunos do campo, que precisa trabalhar para ajudar no sustento familiar, que rema e/ou caminha por horas para chegar a escola que o recebe em condições precárias, em classe multisseriada, essas são turmas constituídas por alunos de várias idades e distintas, tendo um único professor, que também desempenha as mais diversas funções para fazer uma escola funcionar. Somados a isso, precisa atender ao currículo e ao calendário escolar estabelecido pela secretaria de educação do município, que muitas vezes não leva em consideração as especificidades da região na qual o alunado está inserido.

Para fundamentar teoricamente este trabalho através de Hage e Barros (2010) quando dizem que povo camponês é representado pelos povos: caboclos, pescadores, camponeses, ribeirinhos, povos da floresta, sem-terra, assentados, pequenos agricultores, imigrantes e colonos, oriundos, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras.

Em Freire (1987) ressalta que a concepção de que tudo que é do campo tem menor valor ou pouco conhecimento, por conta de fatores históricos que coloca o povo que vive no interior como “matutos” e incapazes e que não conseguem ser melhor eu isso. Isto acabou por convencê-los, e com pouca informação aceitam a condições as quais lhes foi condicionada. Verificam-se nestas colocações as causas da pobreza que foi historicamente construída e da mesma forma, construindo-se a ideia de que o campo com um espaço de atraso e de pouca cultura. Consequentemente o próprio homem camponês construiu em si a ideia de sujeito desprovido de direitos.

Recorri a Freire em (1996), quando destaca a importância de que o espaço da escola seja o local onde o aluno poderá socializar suas experiências, estar em contato com novas fontes de conhecimento, para que assim consiga assumir-se como um ser histórico e social, crítico e atuante, ou seja, que também faz intervenções que irão beneficiar a sociedade na qual está inserido. Segundo o autor é através da educação que o sujeito consegue transformar a própria história, mostrando o poder da educação, Freire (1987) destaca que ela é imparcial, não é neutra e nem indiferente, mas que tanto pode destruir a ideologia dominante como mantê-la.

Hage e Barros(2010), mostrando a realidade do povo camponês, apontam que 19 milhões de brasileiros vivem em povoados, pequenas e médias cidades, que de um modo geral não conseguem atender a população no que se refere à saúde, educação e emprego, haja vista que a maioria não possui estrutura produtiva capaz de garantir qualidade de vida aos seus habitantes. Destacando ainda que os investimentos destinados a estas localidades são insuficientes.

A realidade supracitada durante muito tempo não era percebida por muitos de nós, que conscientes e gratos por merecer o pouco que o poder público nos ofertava, não nos percebendo como capazes de transformar a própria realidade. Acomodados, fomos permitindo que os governantes nos deixassem à margem da sociedade.

Arroyo (2010), quanto alerta para o fato de que, quanto mais distanciarmos nossas análises sobre fatos que promovem as desigualdades, mais estaremos omitindo o papel do Estado enquanto reprodutor de um sistema desigual. Desta forma, quando condenamos os alunos do campo e suas famílias pelo fato de não concluir os estudos, estamos inocentando o Sistema, o Estado e suas instituições. Estaremos apagando décadas de produção de desigualdades.

Freire (1987) explica o comportamento do sujeito do campo mostrando que os oprimidos, se acomodam e acabam se adaptando, não enxergando possibilidades de mudanças, sentem-se incapazes, colocando-se ainda mais dependentes da estrutura dominadora. Ferreira e Brandão (2011), para rever a história do Brasil com relação à educação no campo, em que percebemos o processo de exclusão social e política deste povo sempre estiveram presentes em seu cotidiano, sendo tratados por eles, até bem pouco tempo, como “natural”.

Hage (2005), para mostrar que professores e estudantes do campo, enfrentam muitas dificuldades, dentre elas às longas distâncias percorridas para chegarem à escola, vindo a pé, de barco, bicicleta, ônibus, a cavalo, muitas vezes sem se alimentar, enfrentando jornadas que chegam à 12Km e 8h diárias.

Ainda em Hage (2005) quando aborda a precarização das escolas multisseriadas se faz notar por um conjunto de particularidades que comprometem o processo de ensino-aprendizagem. O autor mostra ainda, que a instituição influi no desenvolvimento da criança, além do fato de as escolas não oferecem nem um conforto. A maioria delas são barracos cobertos de palhas ou cavacos, sem estrutura. As carteiras de madeiras bem antigas, algumas com braços quebrados, outras são bancos de tábuas. Outras escolas são construídas de madeira, muito antiga, na maioria delas estão comidas por cupins, cobertas de telha Brasilit, onde o calor é escaldante ou com goteira que molha os cadernos e sem banheiro essa é a triste realidade que vivem as crianças e jovens que ali estudam.

No desenvolvimento deste estudo optei por dividir em três partes. A parte inicial deste memorial farei uma narrativa pessoal lembrando a partir da minha infância. Na segunda parte irei descrever como tive os primeiros contatos com a escola e o início da minha profissão. Por último narrarei sobre o PARFOR. Nas considerações finais farei reflexões sobre os achados.

CAPITULO I – O REBUSCAR DA MEMÓRIA

1.1 UMA CRIANÇA COMO TANTAS OUTRAS

Sou Camila Silva e Sousa, nasci dia 27 de março de 1992 em Altamira-Pará. Vim para Anapu em 2011 e estou até hoje. Sou casada com meu primo de primeiro grau há 12 anos, temos uma filha de 11anos, sou filha de Cassimiro de Moraes e Sousa e Francinete Silva da Conceição. Tenho um casal de irmãos por parte do meu pai, uma irmã por parte de mãe e uma que é minha irmã por parte de pai e mãe.

Meus pais são filhos de agricultores e desde cedo precisaram ir trabalhar na roça para sobreviver e ajudar no sustento da família. Minha mãe é piauiense e veio pra Altamira quando tinha três anos de idade e permanece até hoje. Ela

conta que chegou a estudar até a quinta série, já meu pai nasceu em Altamira e não conseguiu estudar.

Nossa vida foi bem difícil quando minha irmã e eu éramos crianças, não tínhamos casa própria e por conta disso moramos um tempo na casa da minha avó materna. Depois meu pai conseguiu um terreno em uma área que naquele tempo estava sendo invadida. Lá construímos nossa primeira casa. Lembro que o bairro era uma área baixa que quando chovia muito e tinha umas represas das fazendas que ficava no alto e devido as fortes chuvas elas estouravam e alagava o bairro todo, a água ficava no meio das paredes das casas.

Acredito que as dificuldades dos sujeitos do campo se iniciam pela histórica realidade de esquecimento por parte do poder público, que pouco disponibiliza políticas públicas que possam garantir uma vida digna ao homem do campo, condicionando-o a viver do que produz e se produz, faltando oportunidades para que ele possa garantir o mínimo para o sustento da família. Hage e Barros(2010), em suas pesquisas, apontam que essa realidade de pobreza, e, muitas vezes, de miséria, atinge 19 milhões de brasileiros, que nascem e vivem em povoados, pequenas e médias cidades, sendo que na maioria das vezes essas localidades na maioria das vezes não possui estrutura produtiva capaz de garantir qualidade de vida aos seus habitantes, de modo geral atendem necessidades básicas de saúde, educação e emprego.

Uma lembrança que guardo com muito carinho eram os passeios para a casa da minha avó, eu amava ir dormir lá aos finais de semana, ela era um amor de pessoa, mas hoje ela já é falecida. Já minha vó paterna quando ela era viva eu e meus pais íamos esporadicamente a casa dela, mas não tinha muito contato com ela não, ela tinha muito netos aí sempre tinha uns mais próximas, mas eu não estava nessa lista, por fim, não tenho mais avôs e nem avós.

Como é possível perceber, somos uma família humilde, mas que vivenciamos situações cotidianas que foram primordiais para a formação dos indivíduos que hoje somos, pois mesmo com pouco estudo, meus pais e meus avós nos educaram para sermos pessoas do bem e trabalhadoras. Com relação a isso Bock, (2007, p. 249) destaca que:

A função social atribuída à família é transmitir os valores que constituem a cultura, as ideais dominantes em determinado momento histórico, isto é, educar as novas gerações segundo padrões dominantes hegemônicos de valores e de condutas, neste sentido, revela-se o caráter conservador e de manutenção social que lhe é atribuído sua função social.(BOCK, 2007)

Seguindo este entendimento, acredito que a família é a um referencial de fundamental importância para nos ensinar a lidar com as adversidades da vida. É importante dizer que apesar das dificuldades sinto saudades da época em que morava com meus pais e irmãos, de atividades simples, mas que eram impregnadas de sentidos e de muito amor.

1.2 A EDUCAÇÃO E A FALTA DE OPORTUNIDADES

Na construção dessa pesquisa pude refletir sobre o processo educacional de minha família de maneira geral, percebendo o quanto a vida do homem do campo é negligenciada. Gostaria ainda de enfatizar que, estudar não é apenas uma questão de querer ou não querer, é questão de oportunidade, de disponibilidade de recursos e de escola que consiga atender às necessidades de aprendizagem de cada um. Um exemplo disso é a minha família, que historicamente vem atravessando gerações que não concluíram o estudo e ao conversar com eles percebi que julgam ser culpados por isso. Dai é validada a minha concepção de que a mentalidade do campesino foi moldada para acreditar em sua “inferioridade e pouco valor”, bem como que, o local onde vivemos e produzimos é atrasado e de cultura inferior. Como consequência disso, o próprio homem do campo aceitou a condição de que os direitos e as políticas públicas devem e são destinadas para o povo da cidade, aceitando o pouco ou o nada que chega para ele. De acordo Freire (1987)

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade” (...) Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. Não se percebem, quase sempre, conhecendo, nas relações que estabelecem com o mundo e com os outros homens. (FREIRE, 1987)

Como é possível perceber, o próprio campesino no decorrer da história não se percebia como sujeito de direitos e protagonista da própria história. Fato este que permitiu que os governantes nos deixassem à margem da sociedade.

No que diz respeito à oferta da educação, minha família é um exemplo claro da falta de oportunidades que atravessa gerações e, ainda hoje, em pleno século XXI a grande maioria da minha família não concluiu os estudos ou nem teve acesso a eles. Meu pai estudou apenas até a primeira série do antigo Primário, precisando desistir para trabalhar na roça minha mãe cursou até a 5^a série do Primário. Dos meus irmãos por parte de pai, Genilson e Solange não chegaram a concluir os estudos devido as dificuldades encontradas na roça. Jaqueline é filha só de minha mãe, chegou a concluir o ensino médio. Thais e eu somos irmãs de pai e mãe, Thais é minha irmã caçula, ela não concluiu o ensino fundamental devido se casar cedo e logo teve filhos. Somente eu estou chegando ao final do ensino superior.

No entanto, no decorrer dessas reflexões fiquei preocupada com o fato de que a maioria das pessoas com quem conversei, tratam esse assunto com muita naturalidade, como se o fato de não ter tido oportunidade fosse algo simples e era desse jeito mesmo que acontecia no campo, sem a mínima esperança ou vontade de que as coisas mudem. Fato este que acredito ter sido estabelecido pela forma de educação que foi ofertada ao sujeito do campo no decorrer dos tempos.

De acordo com as literaturas, o modelo de educação historicamente praticado no Brasil pelos diferentes governos entre o início do Império (1822), até meados do século XX, era uma educação para a elite econômica e intelectual, em prejuízo direto e indiscriminado dos pobres, negros e índios. De acordo Ferreira e Brandão (2011) As reformas educacionais no início do século XX e inclusive a Constituição de 1934, manteve a educação dentro de uma perspectiva que visava atender as elites das cidades urbanas, não traziam benefícios aos que residiam e trabalhavam nas áreas rurais, com exceção dos herdeiros das grandes fazendas.

Contudo, com a modernização das máquinas, a necessidade de mão de obra e a pobreza extrema nas áreas rurais, fez com que muitas pessoas do campo migrassem para as cidades, aumentando assim as dificuldades do governo para atender esta demanda. Assim, passaram a pensar que a solução seria manter o povo do campo no campo.

Segundo Ferreira e Brandão (2011) foram criados colégios, que eram instituições formadas dentro das grandes propriedades rurais. Elas tinham como objetivo produzir mão-de-obra técnica e especializada de atendimento aos produtores rurais que em contrapartida teriam a seu dispor trabalho barato e gratuito dos estudantes, tornando-os ainda mais ricos. O que se observa é que não se buscava soluções para o homem do campo mudar sua condição de explorado e sim criar maneira de expor mão-de-obra na produção agrícola, “acobertados” pela Constituição, pelo Estado e por outras formas legais.

Ainda de acordo com Ferreira e Brandão (2011), foi somente após o fim do governo militar e início da nova República (1985). Com promulgação da Constituição Federal de 1988, que o povo do campo passou a ter sinais de que algo poderia mudar para nós referentes à educação, mesmo ela não abordando diretamente a educação do/no campo. Em seu art. 206, diz que deve haver: “(...) igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” e que a “educação, é direito de todos e dever do Estado e da família” (art. 205). Apesar de estar disposto na Lei, entendo que não houve uma igualdade de acesso a escola, pois para nós camponeses sempre enfrentamos dificuldades para ter esse acesso, sem esquecer a carência de escolas e a precariedade delas. Porém, foi somente após a promulgação da Constituição Federal de 1988 que se pode observar avanços para a educação do povo camponês.

É possível perceber que os avanços mais significativos foram e continuam sendo conquistados após a promulgação da Constituição Federal de 1988, pois ela abriu caminhos a leis posteriores, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, que em seu artigo 28 aponta:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (LDB, 1996).

É importante ressaltar ainda, que a população rural a qual se refere à Lei, de acordo com Hage e Barros (2010) é representada pelos povos: caboclos, pescadores, camponeses, ribeirinhos, povos da floresta, sem terra, assentados, pequenos agricultores, imigrantes e colonos, oriundos, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras. Esses povos obtiveram ganhos com a LDB, pois foram abertos precedentes legais e jurídicos para a possibilidade da implantação de uma educação que respeitasse a identidade do homem e da mulher do campo.

Reconstruindo de forma resumida, o contexto histórico em que meus avós e minha mãe viveram, posso compreender que as concepções que eles formaram sobre a importância da educação, foram impostas a eles como algo natural ao meio em que viviam, porém aconteceram várias mudanças e fomos ganhando espaço diante às políticas públicas, conscientes de que ainda há muito a ser feito e nosso povo hoje é consciente disso.

CAPÍTULO II A TRAJETÓRIA ESTUDANTIL

2.1 Os primeiros contatos: GIRASSOL

Iniciei minha trajetória estudantil aos seis anos de idade no pré II em uma escola chamada Girassol, lembro que minha mãe ia me deixar na escola a pé ou então de bicicleta, recordo que durante uma semana eu chorava muito quando ela me deixava na escola, pois ficava com medo que não voltasse mais para me buscar, mas depois eu me acostumei e passei a gostar da escola, pois lá desenvolvi a minha coordenação motora e a escrita. Foi lá que aprendi a pegar no lápis a fazer as minhas primeiras garatujas, ou seja os meus primeiros rabisco no papel.

Lembro que nesse tempo, a professora não ensinava o alfabeto para a turma, comparando com a nossa realidade de hoje, ela era como se fosse uma cuidadora do maternal, dava banho nas crianças, o lanche da escola, a gente ia para a recreação e ainda as “cuidadoras” colocavam a gente pra tirar um cochilo. Acredito que a escolinha do pré naquele tempo era como se fosse o maternal de hoje, os pais colocavam os filhos na escola para poder trabalhar.

Apesar de minhas lembranças nesse período serem bastante escassas, posso dizer que em minha região a educação infantil ainda precisa de muitos investimentos para capacitar os educadores e garantir estrutura física adequada ao atendimento dos pequenos no que diz respeito ao direito à educação pública. Por exemplo, para a população de 0 a 3 anos, o direito ao acesso à educação não é garantido de modo eficaz pelo Estado, pois somente 23,2% dessa população frequenta a escola. Outro exemplo é o direito à educação para a população do campo, pois, convive-se, dentre outros problemas, com a realidade do analfabetismo: dos 8,5% de analfabetos do país, 20,8% deles encontram-se em áreas rurais (IBGE, 2013).

2.2 ENSINO FUNDAMENTAL

Aos sete anos ingressei no Ensino Fundamental e ao quatorze anos conclui essa etapa na Escola Deodoro da Fonseca. Nessa tempo a situação financeira da minha família já tinha melhorado o suficiente para comprarmos o mínimo de materiais escolares como caderno, lápis, borracha e uma caneta azul, mas ainda não tínhamos dinheiro para mochila. Enfim o pobre aprende que não pode ter tudo só de uma vez.

Lembro do meu professor de matemática do fundamental que ele era bem legal com a turma, mas na hora das atividades Avaliativas ele não passava a mão na cabeça de aluno nenhum, ele era um excelente professor, ele fazia sempre prova oral com a turma usando a tabuada, era um método que sempre o alunos ficavam nervosos, mas também se esforçavam para estudar.

No dia que era a prova oral com a tabuada eu me sentia oprimida, eu ficava com medo de errar e na maioria das vezes eu errava, ficava com vergonha dos colegas, ficava com medo de tirar zero e reprovar, mas eu ficava com nota baixa, acredito que essa metodologia dele era fazer com que os alunos estudassem mais tabuada, pois ele era um professor muito bom e legal.

Mas também tinham sempre um professor chato que a gente nunca esquece, nesse caso era minha professora de história, ela era muito arrogante com os alunos, na oitava série ela me deixou de dependência de história o método dela ensina era tradicional “bancário” ela entrava na sala de aula e

enchia o quadro de texto para os alunos combinarem no caderno e a maioria das vezes nem explicava o conteúdo, depois só passava as atividades pra responder de acordo com o texto.

2.3 ENSINO MÉDIO

Quando passei para o Ensino Médio na escola Ducilla de Almeida os dois primeiros anos foi mais tranquilo, a escola era um pouco mais longe, pois ela era uma escola muito boa, as vezes eu ia de bicicleta ou quando minha mãe ia precisar da bicicleta eu tinha que ir à pés pra escola, as vezes tinha a companhia de uma amiga - era muito difícil eu faltar aula. Já no último ano do ensino médio eu tive que mudar para uma escola mais perto da minha casa, pois comecei a estudar a noite e trabalhar durante o dia na panificadora de uma das minhas irmãs, no começo foi bastante corrido relacionar estudos com o trabalho, mas depois fui me adaptado. Por fim, graças a força que pedia muito pra Deus, eu conseguir concluir o ensino médio na escola Getúlio Vargas, arrastada mas conseguir.

No ano de 2011 quando vim para Anapu-PA, casei com meu primo, fomos morar com meus sogros, meus dois cunhados e minha filha, vale lembrar que antes de casar com meu primo a gente namorou por quase dois anos é nesse tempo eu engravidei da nossa filha e quanto estava com cinco meses de gestação a gente se separou e só depois de um ano a gente se reconciliou, e então fomos morar juntos. Ganhávamos a vida vendendo e entregando leite pasteurizado nas escolas da zona rural de Anapu-PA e em alguns outros locais da região, tínhamos licitação com a prefeitura, passamos oito anos fazendo isso, depois perdemos a licitação para outras pessoas que apoiaram o prefeito naquele tempo, depois os meus sogros e meus cunhados foram pra Altamira e meu marido comprou um pedaço de terra na roça, onde moramos até hoje.

CAPITULO III TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

3. 1 Sem formação específica como tantos

Iniciei a minha carreira na educação em Agosto de 2017 só com o nível médio numa casinha de carneiros que servia de escolinha com 13 alunos, com idades diferentes e séries diferentes, ou seja, era uma turma multisseriada. Molina e Freitas (2012) abordam sobre os desafios da multissérie:

Este é um dos desafios e, ao mesmo tempo, uma das possibilidades da escola do campo: articular os conhecimentos que os educandos têm o direito de acessar a partir do trabalho com a realidade, da relação entre educação com a cultura e com os conhecimentos científicos a serem apreendidos em cada ciclo da vida e de diferentes áreas do conhecimento. Surge daí uma grande potencialidade de dimensões formativas que foram separadas pela cultura fragmentada e individualista do capital, embora na vida real se apresentem articuladas, imbricadas, às vezes mesmo em simbiose. (FREITAS, 2012)

Diante a colocação do autor, compreendo que essas classes escolares são na verdade a possibilidade de garantir ao aluno campestre, estudar na região onde mora.

De acordo com Hage (2004, p.5), as escolas multisseriadas são espaços marcados predominantemente pela heterogeneidade reunindo grupos com diferenças de série, de sexo, de idade, de interesses, de domínio de conhecimentos, de níveis de aproveitamento, etc(...). Essa denominação de multisseriada, foi dada para caracterizar um modelo de escola do campo que reúne num único espaço um conjunto de anos do Ensino Fundamental, definindo também, a forma de organização da escola mais típica do campo no Brasil.

Atualmente tenho consciência de que para atuar em sala de aula é necessário qualificação, que o fato de ter concluído o Ensino Médio não dá suporte teórico para atuar em sala de aula. Porém naquela época segui o que vi durante toda a minha vida, mas sempre querendo fazer diferente. Lembrava de como meus professores trabalhavam e assim eu ia tentando fazer o melhor. Sobre a utilização de metodologias das quais tive contato, Tardif aponta que:

[...] os saberes experienciais surgem como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática. Neste sentido, os saberes experienciais não são saberes como os demais; são, ao contrário, formados de todos os demais, mas retraduzidos, “polidos” e submetidos às certezas construídas na prática e na experiência.” (Tardif, 2002, p.54)

Então lá estava eu, no meio desse modelo complexo e necessário de complexo dentro do sistema de educação. Nunca havia trabalhado em escola nenhuma e não tinha experiência com nada sobre nenhum tipo de sala de aula. Lembro-me muito bem que, quem me deu umas dicas sobre como dá aula, foi a antiga professora que é até hoje minha amiga,

Porém dentro do meu eu e de minha consciência, sabia que precisava melhorar e buscar por conhecimentos. Sobre a formação docente no campo, Arroyo et al., (2009, p. 37) ressaltam que:

[...] é ali que se concentra o maior número de professores leigos, que são mínimas as possibilidades de formação no próprio meio rural, e que de modo geral os programas de formação de professores, incluindo os cursos de Magistério e os cursos superiores, não tratam das questões do campo, nem mesmo nas regiões em que grande parte dos futuros professores seguramente irá trabalhar neste contexto, ou se o fazem, é no sentido de reproduzir preconceitos e abordagens pejorativas; e que, por extensão, praticamente inexistem materiais didáticos e pedagógicos que subsidiem práticas educativas vinculadas às questões específicas da realidade do campo. (ARROYO, 2009)

A formação do professor que atua no campo é essencial para executar um trabalho de qualidade na tentativa de atender as necessidades que realmente possibilitem um desenvolvimento de qualidade, segundo as necessidades da comunidade ou da localidade que trabalha, no processo da realidade onde existem sujeitos históricos que possuem suas culturas singulares, diferentes, mas não inferiores.

Mas com o tempo eu fui aprimorando os meus conhecimentos e as metodologias para aplicar em sala de aula. É importante ressaltar que, no tempo quando aceitei a trabalhar como professora eu precisava do dinheiro pra ajudar nas despesas da casa, ou seja, o que me chamou a atenção foi o salário, pois eu nunca imaginava que um dia Seria professora na vida, mas sinceramente de todo o meu coração hoje eu amo o que eu faço, que é ser uma professora.

CAPITULO IV A ENTRADA E A IMPORTÂNCIA DO PARFOR

4.1 O PARFOR ME POSSIBILITOU SONHAR

A graduação através do PARFOR me abriu um leque de possibilidades, que permitiram entender o que é ser professora não é apenas estar em sala de aula, mas sim ter um olhar atento sobre a realidade dos alunos, buscando metodologias inovadoras capazes de formar cidadãos críticos e reflexivos que questionem os direitos dos alunos e professores.

Foi na graduação que passei a compreender a importância do professor ter uma formação inicial e continuada para atuar no campo e que isso é essencial para executar um trabalho de qualidade na tentativa de atender as necessidades que realmente possibilitem um desenvolvimento da aprendizagem do aluno campestre, que respeite as especificidades locais, de sujeitos que possuem culturas singulares, diferentes, mas não inferiores.

Segundo Antunes e Hage (2010, p. 28) ressaltam:

Há a necessidade de se concretizar um processo de educação dialógica que inter-relacione saberes, sujeitos e intencionalidades, superando a predominância de uma educação bancária e de uma concepção disciplinar de conhecimento. Os saberes da experiência cotidiana no diálogo com os conhecimentos selecionados pela escola propiciarão o avanço na construção e apropriação do conhecimento por parte dos educandos e educadores. (HAGE, 2010)

Hoje entendo a importância de se concretizar um processo de educação dialógica que inter-relacione os saberes e sujeitos que vivem no campo, a única certeza que tinha era que todos os conhecimentos e saberes repassados por minha mãe, a minha professora eu havia adquirido com precisão para que pudesse ensinar aqueles alunos da multissérie.

Depois que entrei no PARFOR a minha vida mudou totalmente, tanto com profissionalismo como vida pessoal, pois me fez uma pessoa mais crítica e madura em relação a certas situações na minha vida e de acordo com Libâneo (1994, p. 27) que “a formação profissional é um processo pedagógico, intencional e organizado, de preparação teórico-científica e técnica do professor para dirigir competentemente o processo de ensino”.

O processo pedagógico em que o professor precisa passar para que tenha uma boa formação profissional, como afirma o autor deve proporcionar a oportunidade de que esse professor se qualifique e se prepare para poder atuar como agente transformador social.

Partindo desses pressupostos, ressalto a importância da minha formação docente pelo PARFOR, a princípio foi muito difícil ter que sair de casa deixando para trás minha filha, meu esposo e a escola, para ir estudar na cidade (Anapu – PA). Com isso, hoje ressalto que foi uma decisão difícil, porém essencial para que eu possa estar narrando minha trajetória como professora quase licenciada.

Em abril de 2007, o MEC ao mesmo tempo em que lançou o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), o qual se constitui basicamente em um conjunto de mais de 40 ações e programas voltados para a educação básica, superior, profissional e continuada, simultaneamente aprovou o Decreto nº 6.094, que dispõe sobre o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação.

O Plano de Metas, que contém 28 diretrizes, apresenta, entre outros, que a participação da União no Compromisso Todos pela Educação terá por base o incentivo e apoio à implementação de “programa próprio ou em regime de colaboração para formação inicial e continuada de profissionais da educação” (BRASIL, 2007, art. 2º, diretriz XII).

A Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, que tem por base o Decreto nº 6.755, de 2009, partiu, entre outros, da constatação da existência de um grande número de professores sem a formação adequada para a etapa de ensino em que atuam da apreensão de indicadores estatísticos que evidenciam a insuficiência de professores licenciados em algumas áreas, bem como da compreensão da importância da formação docente para o necessário avanço da qualidade do ensino no país (BRASIL, 2009).

Mais especificamente, os professores que atuam na rede pública, sem formação adequada à sua área de atuação, poderão se graduar de acordo com as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 1996, por exemplo, em cursos de 1ª licenciatura, estes com carga horária de 2.800 horas adicionadas de 200 horas de estágio, uma vez que sua atuação nas redes públicas de ensino lhes confere 50% de isenção na carga horária total deste último componente curricular (BRASIL, 1994).

Conforme afirma Nóvoa (2009, p. 15 -16): É preciso passar a formação de professores para dentro da profissão. [...] Não haverá nenhuma mudança

significativa se a “comunidade de formadores de professores” e a “comunidade dos professores” não se tornarem mais permeáveis e imbricadas.

Neste sentido, minha formação superior através do curso de Licenciatura em Pedagogia foi necessária para que eu possa contribuir nas práticas educativas na escola do campo não apenas mais uma pedagoga, e sim uma educadora que conhece as dificuldades e entraves da multissérie buscando se qualificar para contribuir na formação de sujeitos ativos e participativos.

Hoje sou muito grata a Deus e as pessoas que me apoiaram e me incentivaram em meus estudos. Tive muitas dificuldades; uma delas é a distância entre a minha casa a escola que é de 50 quilômetros, outra era não ter casa pra ficar, mas depois um primo de minha mãe e a esposa dele que mora em Anapu me chamaram para ficar na casa deles, e aos poucos fui me adaptado, mas isso não me abalou nem um momento. Por fim acabou dando tudo certo.

CONCLUSÃO

Este memorial teve o objetivo de descrever minha trajetória como professora do campo e os caminhos que percorri para concluir minha formação como pedagoga. Uma trajetória bem difícil, porém que me trouxe muitas lembranças positivas que sempre me impulsionaram a não desistir e continuar acreditando no conhecimento.

Hoje, compreendo que é possível pensar na escola do campo com ambientes melhores para trabalhar, nas quais os docentes e formadores de docentes possam assumir papéis de líderes da reforma educativa, competentes e críticos, na busca de uma educação mais humanitária, com melhor qualidade. Isso poderá ser efetivado na prática através do esforço, interesse e competência dos professores, aliados a uma política de educação que valorize o professor.

Quanto aos desafios da formação do professor, organizada e pensada dentro de diretrizes nacionais com um corpo de disciplinas e conteúdos distantes das discussões recentes da educação do campo, é preciso refletir sobre os conteúdos que estão relacionados com as práticas do campo, bem como sobre a metodologia que o professor vai desenvolver para as atividades relacionadas à ação pedagógica cotidiana do campo.

Formar professores nessa perspectiva envolve muito mais do que o conhecimento dos conteúdos necessários à prática educativa, mas sim, à relação desses com o espaço rural, os saberes, e a forma de vida da população que constrói a sua existência e se constitui enquanto sujeitos de ação.

A educação do campo é compreendida como resultado de uma articulação nacional do final da década de 1990 das lutas dos trabalhadores e movimentos sociais e sindicais do campo pelo direito à educação.

Construir este memorial permitiu verificar a necessidade de refletir sobre nossa própria prática pedagógica partindo de nossas experiências docentes, nossa convivência no meio rural e, acima de tudo, da relação existente entre o professor x aluno, professor x comunidade escolar visando direcionar ações e metodologias para que se tenha um componente curricular que contribua na formação do aluno que estuda no campo.

Não aquela relação que compreendia na turma multisseriada ainda sob o domínio e métodos tradicionais de minha mãe, práticas pedagógicas que valorizem os saberes e experiências do aluno do campo, mesmo com todos os desafios de estarem no mesmo espaço e com todas as idades eles conseguem aprender um pouco, como eu aprendi.

As impressões desta pesquisa foram as melhores possíveis contribuindo para um novo olhar sobre a educação no campo. Antes tinha a concepção de que aquele ensino para dois, três ou mais anos na mesma sala poderia ser apenas por meio de atividades xerocadas, pintura, recorte e colagem e leituras no livro didático.

A partir da participação nas formações continuadas já descrita neste memorial, e agora quase licenciada como pedagoga, reconheço a importância das práticas pedagógicas no campo que precisam ser desenvolvidas a partir da realidade do aluno no campo para que o ensino venha ser democrático e significativo para todos.

Tenho plena convicção que esta prática deve estar centrada em fazer vigorar a construção do saber, levando em consideração alguns aspectos como: o conhecimento prévio, as informações e opiniões através da oralidade e da escrita e um relacionamento afetivo e solidário, sempre se dispondo a ajudar, aliviando e/

ou amenizando as angústias dos alunos e buscando juntos a solução das dificuldades encontradas no decorrer de todo processo educativo na multissérie.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

Desse modo, ao concluir este estudo, compreendo que pelo direito a educação, mas não por qualquer educação e sim por uma educação que respeite as diferenças e que seja construída e ofertada em condições diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. I.; HAGE, S. M. (organizadores). **Escola de direito: reinventando a escola multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ARROYO, Miguel G. **Políticas Educacionais E Desigualdades: À Procura De Novos Significados**. Educ. Soc., Campinas, v. 31. 2010.

ARROYO, MIGUEL G. **Políticas Educacionais e Desigualdades: À Procura De Novos Significados**. Educ. Soc., Campinas, v. 31. 2010.

ARROYO. Miguel Gozálvez. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. In.: ARROYO. M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M.C (Org.). *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, Miguel G. **POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADES: À procura de novos significados.** educ. soc., campinas, v. 31. 2009

BRASIL . **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional n. 20, de 15- 12-1998.** Brasília, 1988.

BOCK, A. M. B., Furtado, O., Teixeira, M. L. T. (1999). **Família... O que está acontecendo com ela?** In: A. M. B. Bock, O. Furtado, & M. L. T. Teixeira, **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia** (pp.247-260), 13ªed, São Paulo: Saraiva.

BRASIL - **Ministério da Educação. Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova brasil 2007**, art. 2º, diretriz XII. **Disponível em:** <<http://portal.mec.gov.br/pde/>>. Acesso em 16 de novembro de 2022.

Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934. Disponível em: [ttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm). Acesso em: 29 novwmbro de 2022.

CAMPOS, Magda. **Manual de gêneros acadêmicos:** Resenha, Fichamento, Memorial, Resumo Científico, Relatório, Projeto De Pesquisa, Artigo Científico/Pape, Normas Da Abnt. Mariana- MG, 2015.

DECRETO Nº 6.755, DE 29 DE JANEIRO DE 2009. Revogado pelo Decreto nº 8.752, de 2016.

FREITAS. De Luis Carlos. **Os Reformadores Empresariais Da Educação: da Desmoralização do Magistério à Destruição do Sistema Público de Educação.** Educ. Soc., Campinas, v.33, jun. 2012 Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/PMP4Lw4BRRX4k8q9W7xKxVv/?format=pdf>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. **Educação do Campo: Um Olhar Histórico, uma Realidade Concreta.** - Revista Eletrônica de Educação. Ano V. No. 09, jul./dez. 2011.

GIL .Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.**Edição. SÃO PAULO. Ed. ATLAS S.A.2002.

HAGE E BARROS. Salomão Antônio Mufarrej e Oscar Ferreira. **Currículo e Educação do Campo na Amazônia: Referências Para o debate Sobre a Multisseriação na Escola do Campo Constituição de 1946.** Autêntica, 2010.

HAGE, S. M. **Movimentos Sociais do Campo e Afirmação do Direito à Educação: *pautando o debate sobre as escolas multisseriadas na Amazônia paraense.*** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 87, n. 217, p. 302-312, set./dez. 2005.

HAGE, S. M. ROCHA, M. I. A. **Escola de Direito: *reinventando a escola multisseriada.*** **Belo Horizonte:** Autêntica Editora, 2001. Coleção Caminhos da Educação do Campo.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Educação do Campo na Amazônia: *retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará / (Org.).*** - Belém: Grafica e Editora Gutenberg Ltda, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características Étnico-raciais da População: Classificações e Identidades.** Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

Jr. PRADO Caio e FERNANDES, Florestan. **Clássicos Sobre a Revolução Brasileira.** 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação de professor).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 21ª edição. Petrópolis- Vozes, 2002.

NÓVOA, A; FINGER, M. **O Método (auto)biográfico e a Formação.** Natal, EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

NÓVOA, Antônio. **Escola nova. A revista do Professor**. Ed. Abril. Ano. 2002, p,23.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. **Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro**. Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 57-88, jan./mar. 2014.

RIBEIRO, Madison Rocha. **A formação continuada de professores de 1 a 4 serie do Ensino Fundamental em Castanhal/Pará: continuidade ou descontinuidade?** 2005. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

SACRISTÁN .Gimeno.; GÓMEZ . Perez. I. **Compreender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SANTOS, F. J. S.; MOURA, T. V. **Políticas Educacionais, Modernização Pedagógica e Racionalização do Trabalho Docente**: problematizando as representações negativas sobre as classes multisseriadas. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel;

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed, São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA *et al*, Gilmar Pereira. **Educação do Campo na Amazônia: uma experiência/ Organizadores:.** Belém: EDUFPA, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Rio de Janeiro: Vozes. 2002.